

FERNANDO FALCÃO MACHADO  
ABÍLIO AUGUSTO DOS SANTOS JÚNIOR



# AUGUSTO MATOS

(1-6-1904 † 20-5-1977)

(Separata do jornal «A Voz do Minho», de 4-6-1977)

BARCELOS

1977



3)  
29Matos, Augustoc  
AC

C. M. B.  
BIBLIOTECA



# AUGUSTO MATOS

(1-6-1904 † 20-5-1977)



Na manhã do passado dia 20 de Maio de 1977, faleceu, em Coimbra, o Sr. Augusto do Carmo de Almeida Matos, mais popularmente conhecido por Augusto Matos.

Nasceu no dia 1 de Junho de 1904, em Vila Frescainha, no concelho de Barcelos, filho do Sr. Joaquim Gonçalves da

Silva Matos e da Sr.<sup>a</sup> D. Maria das Dores Matos, já falecidos, pessoas respeitáveis mas empobrecidas.

Em Janeiro de 1916, Augusto Matos foi para Coimbra, como marçano da Drogaria Vilaça, dirigida por Francisco Vilaça da Fonseca, nome inesquecível no comércio e na administra-



ção pública coimbrã, que também era barcelense, pois nasceu em Airó.

Coimbra, grande centro comercial, apesar de não possuir oportunidades como Braga e Setúbal, era o polo de onde irradiavam para o Centro do País, mercadorias e ideias, mas, também era o foco de convergência das gentes e ideias vindas dos quatro pontos do País, o que contribuía, imenso, para a descontração dos que iniciavam a sua vida nesta cidade, bisonhos recrutados do comércio, chegados dos mais acanhados recessos das províncias, mas que, aí encontravam numerosas e, porventura, melhores oportunidades de singrar.

Por seu lado a Drogaria Vilaça era excelente centro de aprendizagem, não só prática como, de certa maneira, teórica, cultural.

As condições de aprendizagem de então não eram brandas. Eram duras. Todavia, essa dureza de iniciação no trabalho e nos negócios fez Homens, gente capaz de se valorizar e triunfar na luta pela vida e que, pouco e pouco, ia adquirindo o sentido da responsabilidade e da dignidade do trabalho, especialmente mercantil.

Foi esta a escola onde Augusto Matos iniciou a sua vida de trabalho, orientado por esse honrado e probo comerciante, que foi Francisco Vilaça da Fonseca.

Aí, Matos, absorveu e assimilou os elementos essenciais

da actividade comercial, que, fermentando no seu espírito, determinaram-lhe importante evolução.

A observação das técnicas de organização, estruturação, manutenção duma casa comercial, a intuição do que era necessário para sua expansão com segurança — tudo isso foi assimilado e elaborado, progressivamente, no seu espírito, formando uma base em que assentaria, quando, como era normal nesse tempo, ascendesse de caixeiro a patrão.

Não foi só a experiência que o formou: Também cultivou o espírito com apropriadas leituras. E um dos livros que primeiro comprou e leu foi o «Chernoviz», chave de conhecimentos úteis ao tempo.

Da Drogaria Vilaça, Matos passou para a Drogaria Rodrigues da Silva, mas sempre admirando Vilaça da Fonseca, que considerava Mestre e orientador. Por fim, associando-se a Luciano Santos, ingressa na classe patronal, quando, tomando de trespasse a antiga Cervejaria Graça, abriu a firma «Luciano Matos», de larga expansão, incluindo uma sucursal no Porto, que Augusto Matos chefiará.

De cedo, pelos seus interesses, pela sua disciplina, pelo seu senso de valores, implicando o conhecimento das possibilidades da cooperação e do estímulo, Matos se revelou o que, então, se chamava «um rapaz prometedo», sendo natural,



pois, a evolução do marçanato ao patronato.

Muitos, daqueles tempos, seguiram essa via; mas Matos vai-se distinguir, não só por essa atitude estudiosa e séria, mas, também, por um porte senhoril, de natural distinção, sem pedantice, vaidade, snobismo, sem sordidez, antes, sim, activamente alegre, serenamente construtivo, sempre atento aos ensinamentos que sabia colher de qualquer lição.

Por intuição ou vocação, espírito bem preparado, Matos soube organizar as empresas em que se meteu, de modo a torná-las facilmente prósperas, a dar-lhes ampla projecção e fazendo com que os bons empregados comparticipassem da prosperidade.

Assim aconteceu com «Luciano Matos», cuja sucursal portuense se desliga, pacificamente, da sede coimbrã; com a «Drogaria Castilho», também portuense, e cuja expansão promoveu; com o «Nicola», de Coimbra que transformou no primeiro restaurante da cidade até 1976, data em que o trespassa a quatro dos mais antigos e diligentes empregados; com a sua avultada quota na «Mondorel».

Em V. N. de Gaia fez construir um «arranha-céus» para sua residência e dos seus empregados, sem pagamento de renda.

Se esta é a obra comercial de Augusto Matos, de projec-

ção nacional, talvez mesmo, de repercussões internacionais, que graças à sua capacidade de gestão, à sua estratégia mercantil, se tornou em sólidas empresas, resistindo aos embates das crises actuais, cabem duas palavras ao Homem, ao seu carácter.

Carácter dinâmico, activo, de energia transbundante, pleno de iniciativa e de visão, não foi, somente, um bom empregado comercial e um excelente patrão.

Parte da sua juventude foi dedicada à prática desportiva. Foi um bom jogador de futebol do «Sporting Nacional» e do «União» e, nessa qualidade foi escolhido para uma selecção representativa da de Coimbra contra Braga, em 1922.

Apesar de ser um jogador duro, que nunca virava a cara, era Desportista: dextro e leal, pelo que mereceu, sempre, a estima e o respeito dos seus adversários, nomeadamente da «Académica», entre os quais grangeou grandes e sólidas amizades.

Também patrocinou a fundação do modesto jornal que foi «Coimbra Desportiva», de efémera duração, mas que abriu caminho à «Voz Desportiva».

Uma nota curiosa da personalidade de Augusto Matos foi a firme determinação de adquirir a tradicional «Casa do Forno» e, aí, construir a sua residência, o que o fez, conservando o «forno» tradicional.



Nessa sua casa Coimbra juntou uma colecção de bons livros e de quadros.

Porque, à imitação dos grandes príncipes do Renascimento. Matos amava as artes e as letras e foi um Mecenas, amparando antigos desportistas e estudantes pobres e talentosos, protegendo artistas, nomeadamente pintores ou instituições académicas de feição artística, auxiliando instituições, associativas periclitantes, ou as que se destinam à protecção da Terceira Idade, como «Inválidos do Comércio» e «Associação dos Artistas de Coimbra», etc.

Os seus primeiros dinheiros foram destinados a conforto e agasalho de seus pais e, depois, a auxílio de seus irmãos, dando, na sua modéstia, nobre exemplo de amor de família.

Mas Matos, no seu espírito, altamente compreensivo e generoso, foi, sobretudo, Amigo. Amigo!

Gostava imenso de conviver, em conversa amena e discreta, já no varandim da sua casa do Alto de Santa Clara ante a excelência da paisagem citadina, já na mesa do almoço, não tanto pela apreciação gastronómica, mas pelo prazer de se sentir rodeado de Amigos, discretamente, alegremente, em conversa salpicada de ironias.

Alegre. Alegria de viver. Optimismo, como filosofia de

vida, que o fizeram resistir ao pessimismo dos tempos, e ao pessimismo que, naturalmente, uma implacável doença poderia e deveria causar, doença a que acabou por succumbir.

Prematuramente furtado ao convívio de sua Família e de seus Amigos, Augusto Matos foi uma personalidade de projecção nacional, a todos os títulos notável, não só pelas suas altas qualidades de comerciante, mas, também pelas suas insuperáveis qualidades de carácter.

Morreu um Homem e os seus Amigos, Admiradores e Colaboradores sentem-se diminuídos.

Casado em Coimbra com a Ex.ma Sr.<sup>a</sup> D. Maria Cezaltina da Silva Matos era pai da Ex.ma Sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena da Silva Matos Carrington da Costa, casada com o Sr. Dr. Rui Braga Carrington da Costa, Professor Auxiliar da Faculdade de Medicina de Coimbra e avô de D. Maria Cristina, Rui Augusto, D. Margarida Paula e Gonçalo Nuno.

O seu funeral, realizado no dia 21, da Capela de Nossa Senhora da Esperança para o cemitério de Santa Clara pela numerosa e compungida assistência, foi grande manifestação de apreço e consideração pelo inesquecível e saudoso Augusto Matos.

(Separata do jornal «A Voz do Minho», de 4-6-1977)



biblioteca  
municipal  
barcelos



10472

Augusto Matos  
(1-6-1904-20-5-1977)

(  
9  
M